DIFERENÇA ENTRE OS VOCÁBULOS BUCAL E ORAL NA TERMINOLOGIA ODONTOLÓGICA E SEUS SIGNIFICADOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

DIFFERENCE BETWEEN ORAL AND ORAL VOCABLES IN DENTAL TERMINOLOGY AND THEIR MEANINGS IN PORTUGUESE LANGUAGE

JOÃO HENRIQUE DAYRELL DE CASTRO[1]
SÔNIA MARIA FERREIRA MARTINS[2]
DANIELA SUSIN[3]
JOZIMAR LUCIOVANIO BERNARDO[4]
MARCOS VINÍCIUS MOREIRA DE CASTRO[5]

RESUMO: o objetivo do presente trabalho foi discutir sobre a diferença entre os termos bucal e oral na Odontologia, tendo como respaldo a Língua Portuguesa. A metodologia bibliográfica buscou se ancorar em teóricos da linguagem e da Odontologia para investigar a diferença entre tais palavras. Após leitura de textos que versaram sobre essas vertentes, observamos que a principal diferença residiu na origem das palavras *bucca e os*, originárias do latim clássico e vulgar, respectivamente, com significados distintos. Todavia, ao migrarem para o português, os falantes escolheram o termo *bucca* em detrimento de *os*, o qual ainda hoje é usado ao lado de oral, com sentidos semelhantes. Notamos, ainda, que para os profissionais da saúde seria importante padronizar a terminologia, pois facilitaria a compreensão desses termos para pacientes e profissionais de outras áreas, tais como os tradutores; por outro lado, ficou nítido que, em alguns momentos, a unificação terminológica seria mais difícil, pois os contextos de uso teriam que ser mudados. Por fim, destacamos que estudar estes vocábulos no contexto da Odontologia é importante para que tanto pacientes quanto os profissionais de saúde, ou de áreas similares conheçam a peculiar diferença.

UNITERMOS: Bucal; Língua Portuguesa; Odontologia; Oral.

INTRODUÇÃO:

O texto em tela tem como objetivo discutir a diferença entre os vocábulos bucal e oral no âmbito da Odontologia. Nesse sentido, ressaltamos que a motivação para realizarmos este trabalho partiu da nossa experiência enquanto professores universitários em que, durante uma discussão em sala de aula, percebemos que os termos bucal e oral são utilizados na Língua Portuguesa, frequentemente, de forma indistinta. Salientamos que esta investigação se realiza em interface com a Língua Portuguesa, que nos auxilia a compreender a definição e a origem destes termos.

Entende-se que as palavras oral e bucal são sinonímicas e possuem significação semelhante, ou seja, são compreendidas como algo pertencente à boca, que está na boca. Todavia, a maior diferença entre elas está na sua raiz, isto é, na origem dos termos, conforme discutiremos na seção seguinte.

O interesse em discutir este tema iniciou-se após uma discussão feita em sala de aula, posteriormente, ao realizarmos uma pesquisa e descobrirmos o quão exíguos são os artigos que tratam deste tema mediante a interconexão aqui discutida. Dessa forma, o nosso interesse é explorar o tema e contribuir com estudos futuros que poderão ser realizados por perspectivas similares. Salientamos que a discussão em voga será realizada à esteira de Becker[4] (1968), Brito[6] (2015), Cardoso[2] (2009), Ferreira[5] (2011), entre outros.

[1] Centro Universitário de Goiatuba - UniCerrado
[2] Universidade Federal de Catalão - UFCAT
[3] Escola de Aperfeiçoamento Profissional dos Cirurgiões-dentistas de Goiás - EAPGOIAS
[4] Universidade Federal de Catalão - UFCAT
[5] Escola de Aperfeiçoamento Profissional dos Cirurgiões-dentistas de Goiás – EAPGOIAS

DISCUSSÃO DO TEMA

De antemão, é importante fazer um retorno ao Lácio, antiga região italiana onde se situava Roma, cuja língua oficial era o latim. Reconheciam-se, basicamente, duas variedades: o latim clássico, usado pela aristocracia romana – língua da escola e da produção literária –, e o latim vulgar, falado pela plebe, comerciantes, camponeses, soldados, enfim, pelas classes populares, pouco ou nada influenciadas pelo ensino escolar[1]. Então, havia uma língua conservadora, erudita, de uso mais limitado e outra variedade heterogênea, caracteristicamente oral e menos cuidada. O latim vulgar, ao ser levado para outras regiões pelos conquistadores romanos, deu origem às línguas românicas, entre elas o português.

Esse panorama histórico, embora bastante resumido, é pano de fundo para se entender que a palavra **oral** vem do latim clássico *os* (genitivo: *oris*), e que **bucal**, por sua vez, tem sua raiz no latim vulgar *bucca*. Ao lado de oral, as palavras ósculo (beijo) e oscitar (soltar bocejos) também procedem de *os*. E *bucca*, além de boca, deu origem a bocejar e buço. É interessante perceber que, mantendo o mesmo significado, oscitar é uma palavra erudita, incomum, de uso restrito enquanto bocejar é mais popular, de conhecimento geral dos falantes de português.

Originalmente, *bucca* denominava as bochechas, em particular quando infladas, e *os*, a boca. No entanto, "o latim vulgar confundiu essas diferenças de significado e usou *bucca* pôr *os* [...]" (Brito, 2015[2]). Ademais, *os* também tinha o sentido de face, rosto, tanto que a expressão latina *ore durissima esse* quer dizer caradura (falta de vergonha) ou, em linguagem popular, "cara de pau".

Mas, afinal, o que tudo isso tem a ver com os usos de oral e bucal nas linguagens especializadas? Tem muito a ver, pois o conteúdo supracitado é fundamental para se compreender que a Língua Portuguesa tem bases morfológicas e semânticas para distinção desses termos na comunicação entre especialistas e na produção técnico-científica.

O conhecimento das áreas especializadas prima pela objetividade e precisão dos termos e conceitos e, assim, busca evitar ambiguidades e variações. Contudo, ressalva-se que essa preocupação não significa uma uniformidade terminológica entre as comunidades científicas em geral, haja vista que cada língua tem suas particularidades. Os autores que seguem realizam a seguinte observação:

Em alemão, *Abfälle* corresponde somente a resíduos sólidos; se encontramos resíduos líquidos, deveríamos favorecer, em uma tradução, o termo *Abwasser*; e, se forem resíduos gasosos, *Abluft* ou *Abgase*, mas não há um hiperônimo na língua alemã como há na Língua Portuguesa (Zílio & Fichtner & Finatto, 2006, p. 15)[3].

Ou seja, em alemão não há uma equivalência ao português "resíduos" com sentido geral, genérico. A propósito, convém ilustrar que na Língua Portuguesa ocorrem variações denominativas na terminologia médica, como os termos Odontologia e Medicina Dentária, sendo o primeiro preferido no Brasil e a segundo, em Portugal, conquanto essa seja somente uma das muitas distinções entre o português brasileiro e o português europeu.

O médico, professor e enxadrista Idel Becker[4] deixou relevantes contribuições à pesquisa terminológica. Uma das questões discutidas pelo autor é o emprego dos vocábulos de bucal e oral, tanto como adjetivo (higiene oral, higiene bucal) quanto em compostos (bucofaringe, orofaringe). Segundo o autor supramencionado[4] o termo bucal relaciona-se à boca no sentido físico, anatômico, por exemplo, cavidade bucal, mucosa bucal, nervo bucal. E oral está ligado ao verbal, ao vocal (relativo à voz), como em orar (lat. *orare*, de *os*), expressão oral, tradição oral (transmissão de saberes de geração a geração pela oralidade, boca a boca), fontes orais (em contraste com fontes escritas), relacionando-se, portanto, com a fala. Essa separação fica evidente quando se comparam exame oral (realizado de viva voz; prova oral) e exame bucal (procedimentos para diagnóstico de patologias bucais), com sentidos claramente distintos.

Porém, recentemente, o professor e odontólogo Maurício Ferreira[5], à época, Superintendente Regional de Saúde de Uberaba, MG, chamou a atenção à necessidade de uma uniformização da terminologia para alinhar os discursos e as intenções de comunicação entre especialistas. Assim, focalizando os termos oral e bucal, ele explica que: a boca serve para dar acesso ao organismo. As estruturas que formam a **cavidade bucal** são **estruturas ou órgão bucais**. Os lábios formam a **rima bucal**. Lateralmente, o limite é dado pelas bochechas. A somatória dos lábios (fechados), gengivas, faces anteriores dos dentes e bochechas forma o **vestíbulo bucal**.

Continuando a sua explanação, o autor supramencionado[5] (2011, p. 21, grifos nossos) elucida que "o remédio que se toma e engole é oral. Já enxaguatório é bucal. **O que passa pela boca é oral, o que fica é bucal**. Então estudamos **anatomia bucal**, e não oral. **Patologia bucal**, **cirurgia bucal**, e não oral". Eis uma distinção crucial na terminologia médica quando se trata do emprego desses adjetivos. Na administração bucal (por via bucal) ou sublingual, o fármaco permanece na cavidade bucal e ali é absorvido. E na administração oral (por via oral ou *per os*), o fármaco passa pela boca e é conduzido ao estômago e intestino. Por isso, endoscopia peroral (lat. *per os*) é o procedimento cujo instrumento atravessa a cavidade bucal e permite a exploração visual dos órgãos acessíveis por essa via.

Em tempos de estética facial em alta, sobretudo a partir da divulgação nas redes sociais de artistas, celebridades, subcelebridades e

influenciadores digitais, é fácil se deparar com o termo harmonização orofacial. Como explicado anteriormente, a palavra latina *os* também se referia à face, de modo que, com esse sentido, se levado ao pé da letra orofacial seria redundante. Entretanto, o termo objetiva abranger a boca, e oro presta-se a significá-la, o que buco faria adequadamente. Desse modo, o termo harmonização buco-facial é apropriado para qualificar intervenções que, além de melhorar a harmonia entre algumas regiões do rosto, buscam um equilíbrio estético e funcional do sorriso (quando necessário, com tratamento ortodôntico).

As ocorrências de utilização indistinta – ou contrárias às especificações terminológicas supramencionadas – podem estar relacionadas, conforme propõe Becker[4], à forte influência da bibliografia anglo-americana, largamente utilizada na ciência médica e odontológica do Brasil. Como exemplo, em inglês, tem-se o termo *oral cavity*[1], muitas vezes traduzido ao português cavidade oral, em vez de cavidade bucal. Podem-se listar, ainda, *oral health*, *oral anatomy*, *oral diseases*, *oral mucosa*, *oral rehabilitation*, *oral lesions*, *orofacial myofunctional therapy* etc. Questão da mesma ordem fora apontada por Brito[6] (2015, p. 25, grifos da autora) quando analisa a "[...] seleção do prefixo na tradução de 'osteointegration' por 'osteointegração', comparativamente com 'osseointegração'".

Como foi referido em outro momento, cada língua tem suas complexidades e particularidades, de modo que não há tradução perfeita. Todavia, em uma comunidade que se vale de linguagem especializada (quando se pensa, por exemplo, no cenário científico brasileiro), é importante que haja um esforço para evitar imprecisões terminológicas que possam causar inconsistências na comunicação entre especialistas e na produção técnico-científica.

Nesse sentido, vale a observância das especificidades dos termos oral e bucal, conforme indicam Becker[4] (1968) e Ferreira[5] (2011). O termo português bucomaxilofacial (ing. *oromaxillofacial*) exemplifica uma composição lexical em conformidade com as características morfológicas e semânticas da língua de base latina. Do mesmo modo, mostram-se apropriados os termos saúde bucal, higiene bucal, doença bucal, mucosa bucal, anatomia bucal, reabilitação bucal, lesões bucais, buco-nasal, buco-facial, bucofaringe, entre outros.

Com essas considerações em vista, será de grande valia a criação de espaços coletivos para se discutir a uniformização dessa e de outras questões terminológicas no campo das ciências da saúde e, quiçá, mediante um consenso, estabelecer-se uma nomenclatura de referência que respalde e oriente tanto os especialistas da área, em suas comunicações e produções, quanto os profissionais tradutores e os revisores.

CONCLUSÃO

O trabalho em evidência teve como intuito discutir dois termos muito comuns na Língua Portuguesa, e, mais especificamente, na Odontologia - quais sejam: oral e bucal - buscando abarcar as sutis diferenças entre eles. Nesse sentido, foi possível observar que a diferença remonta à etimologia latina dessas palavras e que, no português, bucal relaciona-se à boca, integrada ao trato vocal (parte compreendida entre as pregas vocais/laringe, de um lado, e os lábios e narinas, de outro); já o termo oral diz respeito à fala, isto é, aos sons articulados e propagados através do aparelho fonador, do qual a cavidade bucal faz parte.

Discutir a uniformização dos termos é essencial para que os especialistas da área consigam chegar a um possível consenso, unificando os termos ou pelo menos estabelecer uma nomenclatura de referência para que especialistas e profissionais da área, bem como de áreas correlatas possam respaldar as comunicações entre pacientes, beneficiando também tradutores e revisores que se interessam pela temática.

ABSTRACT: the objective of the present work was to discuss the difference between the terms oral and oral in Dentistry, based on the Portuguese language. The bibliographic methodology sought to anchor in language and dentistry theorists to investigate the difference between such words. After reading texts that dealt with these aspects, we observed that the main difference resided in the origin of the word bucca and os, originating from classical and vulgar Latin, respectively, with different meanings. However, when migrating to Portuguese, the speakers chose the term bucca over os, which is still used alongside oral, with similar meanings. We also noted that for health professionals it would be important to standardize the terminology, as it would facilitate the understanding of these terms for patients and professionals from other areas, such as translators; on the other hand, it was clear that at times, terminological unification would be more difficult, as the contexts of use would have to be changed. Finally, we emphasize that studying these words in the context of Dentistry is important so that both patients and health professionals, or from similar areas, know the peculiar difference.

UNITERMS: Buccal; Dentistry; Oral; Portuguese Language.

REFERÊNCIAS

1. Herman J. Le latin vulgaire. Paris: Presses universitaires de France; 1970.
2. Almeida CE. A formação histórica do léxico da Língua Portuguesa. In: Silva, LA. A língua que falamos - português: história, variação e discurso. São Paulo: Editora Globo; 2009. p. 163-181.

3. Zilio L, Fichtner ML, Finatto MJB. Resíduos e Abfälle: passos de um reconhecimento terminológico para a busca de equivalências entre o português e o alemão. Tradterm 2006; 12: 269-292.
4. Becker I. A nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil: contribuição ao seu estudo lingüístico e ao estabelecimento de normas. São Paulo: Livraria Nobel; 1968.
5. Ferreira M. Bucal ou oral? JABO. São Paulo 2011; 1: 21-21. ano XIX.
6. Brito MJPAS. Equivalência e variação em Medicina Dentária: a harmonização terminológica no caso da cárie dentária. 2015. 279f. [Tese de doutorado em Linguística]. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, PT, 2015.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDEÑCIA

JOÃO HENRIQUE DAYRELL DE CASTRO
Endereço: Rua Dilermando Pereira, 330, setor Nossa Senhora de Fátima, Catalão/Goiás
CEP: 75709-282
E-mail: joaocastro@unicerrado.edu.br